



Carlos Rodrigues/AE

Otávio: venda de objetos para salvar a escola.

Pais, alunos e professores unem-se para enfrentar o caos.

A Escola Estadual de 1º Grau Barnabé, onde estudam principalmente filhos de trabalhadores pobres, empregadas domésticas e prostitutas, tinha o mesmo triste aspecto dos cortiços do centro de Santos, onde vivem seus alunos. Cansados de esperar pela ação do Estado, pais e mães formaram um grupo de trabalho para recuperação da escola com vendas de rifas, entre outros expedientes, e tiveram sucesso. O plano deu tão certo que a escola tem hoje ventiladores, bebedouros e até um vídeo-cassete. À tarde, as crianças do bairro brincam no pátio da escola e, à noite, todos retornam para uma nova merenda.

A mesma receita está sendo seguida, com bastante frequência, por grupos de professores, principalmente de 2º grau, na busca de saídas para a crise.

Outro exemplo de recuperação de escolas vem do Rio Grande do Sul, onde o esforço coletivo de professores e alunos, coordenado pelo diretor Otávio Lima, um ex-professor de cursinho, conseguiu reerguer o famoso Colégio Estadual "Júlio de Castilhos", de Porto Alegre, onde estudaram figu-

ras ilustres como Leonel Brizola e Paulo Brossard.

Ao assumir a direção do colégio, Lima começou uma campanha de arrecadação de recursos junto à indústria e ao comércio gaúchos, em troca de propaganda. Mandou confeccionar livros, adesivos, agendas, jaquetas e até alfinetes de gravata, para a reforma do velho casarão de três andares. Até mesmo o terreno baldio ao lado do colégio foi transformado em estacionamento. Recuperada a estrutura física, Lima partiu para a reconquista de alunos, exibindo um vídeo sobre o colégio a dezenas de escolas de 1º grau e fechando as matrículas com 4150 inscritos.

Com os alunos, Lima também estabeleceu uma relação especial, criando um conselho representativo formado por 90 estudantes que participam das decisões da direção. Já autorizou um pedido dos alunos para sonorizar o recreio com rock e mandou serrar lousas para transformá-las em mesas de pingue-pongue. "Se eles vão matar aula na rua", diz o diretor, "prefiro que façam isso aqui dentro".